



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CAMPUS VI - POETA PINTO DO MONTEIRO
CURSO DE LICENCIATURA DE LETRAS – ESPANHOL**

VALDIRENE SABINO DE ANDRADE

**UM ESTUDO COMPARADO DAS NOÇÕES DE LOUCURA NAS OBRAS EL
INGENIOSO HIDALGO DON QUIJOTE DE LA MANCHA MIGUEL DE
CERVANTES SAAVEDRA E O ELOGIO DA LOUCURA (ENCOMIUM MORIAE)
ERASMO DE ROTTERDAM**

**MONTEIRO-PB
2017**

VALDIRENE SABINO DE ANDRADE

**UM ESTUDO COMPARADO DAS NOÇÕES DE LOUCURA NAS OBRAS EL
INGENIOSO HIDALGO DON QUIJOTE DE LA MANCHA MIGUEL DE
CERVANTES SAAVEDRA E O ELOGIO DA LOUCURA (ENCOMIUM MORIAE)
ERASMO DE ROTTERDAM**

Trabalho apresentado ao curso de licenciatura em Letras-Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras, habilitação em Língua Espanhola. Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Cristiane Agnes Stolet Correia (UEPB)

**MONTEIRO-PB
2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A553e Andrade, Valdirene Sabino de.
Um estudo comparado das noções de loucura nas obras El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de La Mancha Miguel de Cervantes Saavedra e O Elogio da Loucura (Encomium Moriae) Erasmo de Rotterdam [manuscrito] / Valdirene Sabino de Andrade. - 2017.
47 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em LETRAS ESPANHOL) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2017.

"Orientação: Profa. Dra. Cristiane Agnes Stolet Correia, Departamento de Letras".

1. Literatura e Loucura. 2. Religiosidade medieval. 3. Sociedade do século XVII. I. Título.

21. ed. CDD 801.959

VALDIRENE SABINO DE ANDRADE

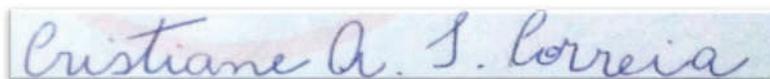
**UM ESTUDO COMPARADO DAS NOÇÕES DE LOUCURA NAS OBRAS EL
INGENIOSO HIDALGO DON QUIJOTE DE LA MANCHA MIGUEL DE
CERVANTES SAAVEDRA E O ELOGIO DA LOUCURA (ENCOMIUM MORIAE)
ERASMO DE ROTERDAM**

Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura em Letras-Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras, habilitação em Língua Espanhola.

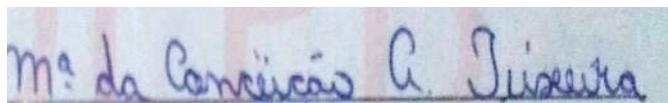
Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Cristiane Agnes Stolet Correia (UEPB)

Aprovado em 23/02/2017

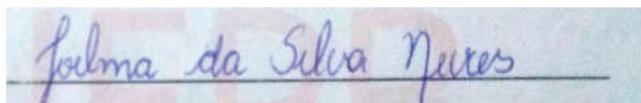
Banca Examinadora



Prof.^a DR.^a Cristiane Agnes Stolet Correia (UEPB)
Orientadora



Prof.^aEsp. Maria da Conceição Almeida Teixeira (UEPB)
Examinadora



Prof.^aJoelma da Silva Neves (UEPB)
Examinadora

Dedico este trabalho aos meus amados pais Severina Maria de Assis e José Ludugério Dos Anjos Filho (*In Memoriam*)
Aos meus filhos, Rayanne Yana, Sabrina Anne, Matheus Marlerson e Geanne Luiza.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por me conduzir com saúde e sabedoria, pois sem suas mãos para me guiar não teria chegado até esse momento.

Aos meus amados pais, que partiram antes do fim da minha jornada, mas que sempre farão parte de todos os momentos da minha vida, meu muito obrigado, pois vocês me fizeram a pessoa que hoje sou. Ao meu irmão, Genésio José dos Anjos por agüentar meus momentos de necessidade e cuidar dos meus interesses como se dele fossem. Aos meus filhos queridos que agüentaram meus momentos de histeria, raiva, noites em claro e, principalmente, ausência em certos momentos.

Aos meus amigos, sem os quais não teria suportado os momentos difíceis pelos quais passamos nesta nossa longa caminhada, meu muito obrigado, aos que já terminaram antes do fim da minha jornada um abraço e saudades e para aqueles que estão comigo uma gratidão maior ainda por me suportar nos meus bons e maus momentos. Entre os quais não poderia deixar de exaltar meus amigos/irmãos que ganhei nesse caminho, minha querida amiga Damiana Santiago, Antônia Célia, Viviane Miranda, Gloria Mércia, Jane D^oark Melo, Raquel Sousa, meu amigo Edisio Leite, Josinaldo Soares, Ozires Thalysson, e minha comadre e amiga Jane Isa.

Ao meu noivo, Probo Nogueira Câmara meu imenso amor e gratidão por estar comigo ao fim dessa caminhada e fazer dos meus dias cansativos e de lutas noturnas menos exaustivas, amor te amo por tudo.

Aos meus mestres um muito obrigado e minha eterna gratidão por partilhar seus ensinamentos comigo e me guiar com retidão até o fim do caminho, entre eles tenho que destacar minha querida orientadora Cristiane Agnes, por sua dedicação e determinação em me fazer descobrir todo meu potencial, ao meu querido professor Francisco Victor, um imenso amor por todas as vezes que me incentivou a não desistir.

Minha eterna gratidão a todos!

“A pior das loucuras é, sem dúvida, pretender ser sensato num mundo de doidos.”

(Erasmus de Rotterdam)

RESUMO

Trabalharemos neste estudo com as obras *O Elogio da Loucura* de Erasmo de Roterdam, escrita em 1509 e publicada em 1511, e *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de La Mancha*, escrita em duas partes pelo escritor espanhol Miguel de Cervantes Saavedra. A obra possui 126 capítulos sendo a primeira parte publicada em 1605 e sua segunda parte publicada em 1615. Quanto aos procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento, nos utilizamos, em *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de La Mancha*, da pesquisa bibliográfica voltada para critérios literários, culturais e sociais próprios da sociedade do século XVII, com a ajuda de textos perceptivos de Bakhtin (1987) e Unamuno (1958). No que diz respeito a *O Elogio da Loucura* foi feita uma pesquisa explicativa direcionada ao universo intrínseco da obra, para poder compreendê-la sob o seu próprio contexto histórico, literário e social, baseada em algumas fontes teóricas, com a visão dos filósofos citados. A metodologia utilizada teve como ponto de partida estudos comparativo das obras no que se refere à loucura, bem como leituras de obras sobre a idéia que se tem do santo e do profano, sem deixar de citar novelas. Neste sentido, o objetivo desse trabalho é o de realizar uma comparação entre duas concepções do que seja a loucura. Primeiro, representada pelo cavaleiro da triste figura, visto sob um enfoque boêmio e, de certa forma até infantil, demonstrando que, a loucura nos completa como ser humano e não só nos destrói. Segundo, a loucura criticando a Igreja Medieval da época de Roterdam, tendo a ganância como fator principal. Observamos assim a loucura como algo que pode transformar tanto a personalidade individual, como social.

Palavras-Chave: Loucura. Religião. Sociedade.

RESUMEN

Trabajaremos en este estudio con las obras El Elogio de la Locura de Erasmo de Rotterdam, escritura en 1509 y publicada en 1511, y El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de La Mancha, escrita en dos partes por el escritor español Miguel de Cervantes Saavedra. La obra posee 126 capítulos siendo la primera parte publicada en 1605 y su segunda parte publicada en 1615. En cuanto a los procedimientos metodológicos adoptados para el desarrollo, nos utilizamos, en El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de La Mancha, de la investigación bibliográfica vuelta para criterios literarios, culturales y sociales propios de la sociedad del siglo XVII, con la ayuda de textos perceptivos de Bakhtin (1987) y Unamuno (1958). En lo que concierne al Elogio de la Locura fue hecha una investigación explicativa direccionada al universo intrínseco de la obra, para poder comprenderla bajo su propio contexto histórico, literario y social, basada en algunas fuentes teóricas, con la visión de los filósofos citados. La metodología utilizada tuvo como punto de partida estudios comparativo de las obras en el que se refiere a la locura, así como lecturas de obras sobre la idea que si ha del santo y del profano, sin dejar de citar novelas. En este sentido, el objetivo de ese trabajo es lo de realizar una comparación entre dos concepciones del que sea la locura. Primero, representada por el jinete de la triste figura, visto bajo un enfoque boêmio y, de cierta forma hasta infantil, demostrando que, la locura nos completa como ser humano y no sólo nos destruye. Segundo, la locura criticando la Iglesia Medieval de la época de Rotterdam, teniendo la ganancia como factor principal. Observamos así la locura como algo que puede transformar tanto la personalidad individual, como social.

Palabras clave: Locura. Religión. Sociedad.

SUMARIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS OBRAS	13
2.1 O RENASCIMENTO DA ÉPOCA DE ERASMO	13
2.2 A ESPANHA DE CERVANTES	15
3 ANÁLISE DAS OBRAS	16
3.1 O ELOGIO DA LOUCURA	16
3.1.2 A loucura se apresenta	16
3.1.3 O riso como fator transformante	21
3.2 DON QUIJOTE DE LA MANCHA	23
3.3 TEMPO HISTÓRICO DAS OBRAS	28
3.3.1 A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais	31
3.3.2 O Carnaval como linha divisória	32
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	42

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de um estudo teórico, com o objetivo de descrever o conceito de loucura, presente nas obras *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de La Mancha* e a magistral senão desafiadora *O Elogio da Loucura* escrita pelo filósofo e religioso holandês Erasmo de Roterdam. Essas duas perspectivas de loucura criadas em épocas distintas, mas tão curiosamente coexistindo em um mundo paralelo ao viver da humanidade. Passando a uma breve explanação de seu tempo histórico e, posterior análise comparativa das obras. Trabalhando aqui, não só a loucura no que se refere à enfermidade e a doença, mas também a loucura que nos completa enquanto seres humanos, com nossas falhas e virtudes. A loucura, que é parte integrante do cotidiano e que está misturada a todas as ações de nossa existência, pois ao escolhermos viver nessa loucura que é o mundo e a rotina diária, abrimos mão de sermos totalmente sãos neste lugar de insanos. Estudaremos a loucura como uma personagem presente na sociedade e, em especial, nas atitudes humanas, baseadas nos ideais de Erasmo e Cervantes acerca de tão controverso tema.

Para início do segundo capítulo apresentamos aos leitores, a obra *O Elogio da Loucura*, do escritor e filósofo Holandês Erasmo de Roterdam, para que possamos adentrar no estreito mundo religioso da poderosa Igreja Católica medieval. Faremos também uma pequena viagem ao mundo do ingênuo fidalgo Don Alonso Quijano e seu universo de cavalaria, bem como trazer para a luz da reflexão um olhar crítico sobre outro personagem chave da história, Sancho Pança, seu fiel escudeiro.

Entre as análises do primeiro e do segundo capítulo, contamos também com os embasamentos teóricos de outros escritores, em especial Bakhtin (1987) e Unamuno, com suas visões e comentários inteligentes sobre o que é esse conceito de loucura, tão presente em nossas vidas, mas tão pouco elogiada por ser capaz de nos tornar seres audazes e pensantes.

Para muitos críticos, *Don Quijote de La Mancha* é o maior expoente da literatura espanhola, além de ter sido um dos primeiros livros publicados em línguas europeias.

Pode-se considerar que Cervantes e Erasmo de Roterdã buscaram criar uma espécie de relação de suas obras com a realidade social e moral de suas épocas. Neste conceito a presente pesquisa está ancorada numa leitura comparativa entre essas duas obras, sugerindo uma relação mais íntima entre os personagens e a própria loucura, observados pela fortuna crítica de escritores como Bakhtin (1987) e Unamuno, demonstrando como essa problemática pode interferir positivamente na criação de uma nova sociedade.

Lembrando aos leitores, que por se tratar de trabalho acadêmico que segue a visão de ¹**Literatura Comparada**, faz-se necessário um parâmetro de análise e comparação, no caso desse projeto escolheu-se a Loucura como fator determinante. Pode-se inicialmente ponderar por que escolher essa temática ou não outra qualquer, a resposta é bem enfática, a loucura é algo recorrente nas duas obras, bem como ela é usada pelos dois autores como uma espécie de criação de um perfil psicológico dos personagens em análise: Don Quixote e Sancho e a Igreja Católica do século XVI e XVII.

A partir do terceiro capítulo, passamos a uma breve análise das obras em discussão, bem como alguns trechos e comentários dos livros utilizados para aclarar em maior proporção esse ideal de. Neste intento, para levar a cabo esta proposta comparativa, usaremos principalmente como ponto de apoio teórico *Vida de Don Quijote y Sancho*, de Miguel de Unamuno, e *A carnavalização do riso no contexto de François Rabelais*, de Michael Bakhtin (1987).

Por fim, no quarto capítulo, chegamos às considerações finais para fins de encerramento desta pesquisa comparativa.

Desta maneira, o objetivo desse projeto não será o de tipificar a loucura, mas sim dar um sentido mais amplo a esse tema. Trazendo aqui para a luz da reflexão

¹Ramo da Teoria Literária que estuda, através de comparação, a **literatura** de dois ou mais grupos lingüísticos, culturais ou nacionais, diferentes; incidindo o seu foco especificamente não tanto na comparação da literatura em si, mas com maior ênfase nas respectivas teorias da **literatura**.

de modo pontual, as principais contradições citadas dentro deste universo social e religioso das obras mencionadas anteriormente, e disparidades existentes em seus dogmas.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS OBRAS LITERÁRIAS

2.1 O Renascimento da época de Erasmo de Roterdam

O sábio e estudioso holandês Erasmo de Roterdam (ou Desiderio Erasmo) foi um dos primeiros autores de grande vendagem no mundo. Ele adquiriu sua fama durante o Renascimento. Mas o que compreendemos por Renascimento? Navegação de muitos historiadores o período conhecido como Renascimento começou no século XIV na Itália e difundiu-se pela Europa no decorrer dos séculos XV e XVI. Além de atingir a Filosofia, as Artes e as Ciências, o Renascimento fez parte de uma ampla gama de transformações culturais, sociais, econômicas, políticas e religiosas que caracterizam a transição do Feudalismo para o Capitalismo. “Nesse sentido, o Renascimento pode ser entendido como um elemento de ruptura, no plano cultural, com a estrutura medieval” (LIENHARD, 2016,P. 66-72). Muitos dos pensadores da época do Renascimento, apesar de replicarem muitos aspectos do sistema vigente e até mesmo da igreja ocidental, eram religiosos e tinham fé, levando-os a uma maior reflexão do papel da igreja e das verdades que ela pregava. A Europa se vê envolta numa efervescência contestadora, o que acaba chegando às bases da Igreja Romana. Alguns pensadores como o humanista Erasmo se opunham a alguns preceitos e dogmas do catolicismo. Em sua obra *Elogio da Loucura*, Erasmo de Roterdam critica a postura da igreja e relata que:

Os monges consideram não saber ler um sinal de sanidade. Zurraram os salmos nas igrejas como asnos. Não entendem uma só palavra do que dizem, mas imaginam ser o som agradável aos ouvidos dos santos. Os frades mendicantes fingem assemelhar-se aos Apóstolos, mas não passam de vagabundos imundos, ignorantes e ousados. (ERASMO DE ROTERDAM apud DOWNS, 1969, p. 16).

Nesse ponto podemos afirmar que, no conceito de Erasmo, esses mesmos monges se colocavam acima de coisas mundanas, ao se elevarem a um tipo de

status “divino”, onde se mantêm, segundo eles, elevados a um patamar superior, já que ao adquirir certo intelecto aos quais meros mortais não têm acesso, e se tornam seres privilegiados e dominantes. Durante toda a leitura da obra de Erasmo vemos que ele subestimava essa “superioridade” dos monges e demais religiosos de sua instituição já que vezes sem fim demonstra que para ele esses religiosos se escondiam atrás de máscaras para tentar desviar seus seguidores fiéis dos desmandos cometidos em nome de uma fé cega. Para o historiador Thomas Woods, o Renascimento, mais do que uma ruptura total com o passado medieval, pode ser considerado o auge da Idade Média.

Os medievais, tal como uma das figuras exponenciais do Renascimento, tinham um profundo respeito pela herança da antiguidade clássica, ainda que não a aceitassem de modo tão acrítico como o fizeram alguns humanistas: e é na Idade Média que encontramos as origens das técnicas artísticas que viriam a ser aperfeiçoadas no período seguinte. (WOODS, 2008, P.119).

É também nesta época que surge um movimento católico que foi propagado por todas as partes da Europa: A Santa Inquisição, fundada pelo Papa Gregório IX, pela bula *Excommunicamus*, publicada em 1231. O tribunal da inquisição não tinha como objetivo a sentença de morte aos seus réus, porque quando esta ocorria era executada pelo estado, e não pela Igreja, a entrega do réu ao estado significava a desistência da sua salvação. Durante todo medievo foi dado à Inquisição, o trabalho de criar o ideal perfeito do mal, o que foi associado à desordem e ao caos. (BAIGENT; LEIGH 2001: p.139).

A Igreja realizou tentativas para a manutenção das suas antigas estruturas, mas isso era impossível. A Contra-reforma serviu para modernizar a Igreja Católica e para combater os avanços do protestantismo. As instituições criadas e reformuladas durante a Contra-reforma garantiram a manutenção do poder da Igreja, além de serem responsáveis pela contenção da “ameaça” protestante. Porém, a Igreja Católica jamais recuperou o poder que tinha durante todo o medievo.

Tanto o Movimento do Protestantismo como o Renascimento, como salienta Falcon (2000: p.192), ocorreram devido às diferenças inerentes entre a cultura das elites e o choque a múltiplas formas da cultura popular e suas formas de pensar.

2.2 A Espanha de Cervantes

Segundo a reportagem de Thérèse Jerphagnon (2005). Quando Cervantes escreveu sua obra-prima *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de La Mancha*, a Espanha de Carlos V, que governava um imenso império onde “o Sol nunca se punha”, já era coisa do passado. O soberano abdicou em 1556, quando dividiu seus domínios entre dois herdeiros: o irmão, Fernando, ficou com o título de sacro imperador romano-germânico e com as terras localizadas nas atuais Áustria e Alemanha; o filho assumiu o trono da Espanha com o nome de Felipe II e ficou com as terras da península Ibérica, dos Países Baixos e da América. Durante seu reinado, Felipe II conseguiu manter a Espanha como a principal potência europeia do período e ainda expandir seus domínios, anexando Portugal em 1581. As ameaças, porém, estavam por todas as partes. Os primeiros sinais de crise surgiram já em 1558, quando os planos espanhóis de invadir a Inglaterra naufragaram junto com os navios da “Invencível Armada”, que foram parar no fundo do canal da Mancha. O fracasso na Inglaterra ofuscou até a vitória contra os turcos na Batalha de Lepanto, em 1571. Foi em uma Espanha em crise que Cervantes criou seu cavaleiro fora do lugar. Nesse reino decadente, as classes superiores eram incapazes de gerar riquezas e se refugiavam na trilogia: “Igreja, mar, casa real”. Os nobres viviam para defender a própria honra, e sua única fortuna estava na espada. Como diz Cervantes: “Com razão, os príncipes deveriam estimar esse primeiro tipo de cavalaria, pela qual (...) alguns garantiram não somente a salvação de um reino, mas a de muitos (nobres)”. Diante dessa cavalaria de “velhos cristãos”, emergia também uma nova nobreza, que vivia da riqueza da corte e só conhecia o inimigo de ouvir falar. Todos os ambiciosos conspiravam para se apoderar das migalhas do poder. Dentro de tantas interpretações diferentes, o Quixote não poderia deixar de ser a obra imortal que leva o nome de Cervantes e o da Espanha para a eternidade literária ao qual nunca deixará de fazer parte.

3. ANÁLISE LITERÁRIA DAS OBRAS

3.1 O Elogio da Loucura

Neste primeiro momento procuramos destacar uma obra que servirá para o estudo comparativo proposto neste trabalho e até para o bom entendimento desse conceito de louco atribuído a Quixote: *O Elogio da Loucura*, escrita pelo filósofo holandês Erasmo de Rotterdam.

Segundo alguns estudos do século XX, há uma forte influência de suas idéias nas obras Cervantinas, principalmente no que diz respeito ao problema da ilusão e do engano. Pois surgem vários tipos de manifestações da chamada fantasia humana, tais como: milagres, anjos, céu e inferno, bem ou mal, enfim, fatos relacionados aos mais profundos desejos secretos da existência humana.

3.1.2 A loucura se apresenta

A obra traz a loucura como personagem principal, porém não a loucura encerrada em locais para pessoas consideradas doentes por uma sociedade sã, mas uma loucura que representa um ideal de coragem e verdade, que se encarrega de criticar através da ironia, os ignorantes, os ricos avarentos, os hipócritas e os intolerantes da sociedade daquele tempo. Para Erasmo essa obra é uma crítica feroz à vida da corte, o despotismo, a guerra, e tudo o que escarnece da retidão, honestidade, tolerância, e do amor verdadeiro de Deus e todos os homens consequentemente de tudo que por ele foi criado. Ou seja, mais especificamente neste estudo: a sociedade eclesiástica medieval. Este livro é composto por alusões clássicas, típico dos humanistas do Renascimento. Erasmo compara a loucura a deuses do Olimpo:

Ela é filha de Plutón (Plutão) e de Neotetes (a juventude), educada e amamentada pela Inebriação e a Ignorância, cujos companheiros fiéis incluem muitos amigos: Philautia (amor-próprio), Kolakia (elogios), Lethe (esquecimento), Misoponia (preguiça), Hedone (prazer), Anóia (Loucura), Tryphe (faltadevontade), Komos

(destempero) e Eegretos Hypnos (sono morto). (Rotterdam, 1536, p. 20).

Erasmus nos apresenta então um novo conceito para a personificação da loucura, ao citar frases de vários personagens gregos céleres em suas épocas, traz personagens mitológicos para a luz social através de comparações com seres pouco convencionais e atípicos à realidade medieval. Erasmus adentra um novo mundo onde o mito se confunde com a religião, pois seres da cultura pagã se misturam aos anjos e santos cristãos.

Ao buscar este mundo mitológico para representar a loucura, Erasmus de Rotterdam de certa forma tenta correlacionar o homem cristão que segue normas éticas, com o homem que se redescobre durante certos tipos de ritos e passagens que se mesclam juntando as duas partes da laranja num todo.

Dentro da proposta comparativa das duas obras aqui trabalhadas, podemos dizer que as idéias se entrelaçam em certos aspectos nos escritos desses dois autores, tanto em Cervantes, quanto em Erasmus, criando uma espécie de ponte filosófica sobre conceitos tão básicos e simples da visão humana, como por exemplo, liberdade, justiça, inocência e porque não citar também, sabedoria popular, já que a loucura tratada por eles lança um aspecto novo sobre saber social e pessoal. “Foi bastante, portanto, a minha só presença para eu conseguir aquilo que vigorosos oradores mal teriam podido alcançar com um fastidioso e maduramente meditado discurso: expulsar a tristeza de vossa alma (Rotterdam, 2003).

O livro *O Elogio da Loucura* de Erasmus de Rotterdam foi escrito pela primeira vez em latim em 1509, e publicado em 1511. Seu sucesso foi tanto que logo foi traduzido para outras línguas.

Nessa história a Loucura é protagonista e faz um discurso em sua própria defesa. De acordo com a Loucura, o bom andamento da sociedade se faz possível porque as pessoas são loucas. Referenciando aqui uma grande obra do escritor Paraibano Ariano Suassuna “O Auto da Compadecida” de 1955, temos nessa obra adaptada para o cinema e a televisão, uma diferenciação de alguns valores cristãos, aqui especificamente o momento em que a cachorra da mulher do padeiro está morrendo e ela pede a seu empregado, João Grilo, que vá a igreja para que o padre

venha até sua casa encomendar a alma de sua cachorra, pedido ao qual é imediatamente negado pelo sacerdote, pois segundo ele, é contra os dogmas da igreja encomendar a alma de qualquer animal. Mas, como pessoa pobre e astuta, João Grilo sugere ao padre que a cachorra do coronel também morreu, e que ele há de querer encomendar sua alma. Nesse momento exploramos as contradições da fé, pois ao ouvir o nome do coronel, o padre muda drasticamente sua recusa anterior e resolve ir até a fazenda encomendar o corpo. Essa passagem se assemelha com a visão de Erasmo sobre a santidade religiosa do clero, pois ao tomar conhecimento que a cachorra era do Coronel, homem poderoso e não da mulher do padeiro, que era pobre, o padre muda completamente de posicionamento, pois para ele a cachorra do Coronel é digna de ritos católicos e a da mulher do padeiro não.

Há claramente aqui uma alusão ao jogo de poder tão criticado por Erasmo numa referência aos religiosos do seu tempo, para aqueles que detêm o poder qualquer coisa é permitida, aos pobres nenhum tipo de recompensa. Mas qual o sentido de trazer essa concepção suassuana para este trabalho literário? Nada mais para lembrar que críticas existem, mas apenas aqueles que verdadeiramente amam a Deus sobre todas as coisas entendem o verdadeiro sentido da fé, sem recompensas terrenas, como desejavam Erasmo e mais adiante também Cervantes.

O Elogio da Loucura nos traz as teorias sobre a loucura na perspectiva da vida organizada com as evoluções do pensamento religioso sob a ótica católica, que se opõe a qualquer tese que cogitasse transformar essa realidade. Nesse sentido, a contradição é no livro de Roterdam uma arma para a manutenção dos poderes e formas de vidas constituídas. Através de citações extraídas da bíblia e de exemplos do personagem Jesus, o autor deixa claro que “os homens são malucos, mesmo os que fazem profissão de piedade”

Segundo Erasmo:

Para terminar logo uma enumeração que, por natureza, não acabaria nunca, quero vos fazer ver que a religião cristã se coaduna perfeitamente com a loucura e não tem a menor relação com a sabedoria (ROTTERDAM, 1981, p. 143).

Podemos perceber que a todo instante Erasmo tenta demonstrar que alguns ensinamentos católicos são regidos muitas vezes por um tipo de loucura que não tem nada a ver com sabedoria, pelo contrário, ao tentar fazer com que pessoas com diferentes pensamentos e filosofias de vida se alienem para seguir um mesmo ideal de certo e errado, sob apenas uma única visão, a católica, demonstra como essa loucura exalta a tolice em detrimento da sabedoria.

Essa caracterização dada por Erasmo à loucura está implícita em todo o contexto da obra, **Moria**², segundo ele, significava não apenas loucura, absurdo, Ignorância, mas também impulso, instinto, emoção e simplicidade, contra a razão, o cálculo, o intelecto. Todas essas particularidades tão inerentes a nós, lembra, deve sua existência à loucura, pois o que seria mais absurdo do que homens e mulheres travarem uma batalha sem fim sobre qual dos dois seria o dono da relação? Qual a mulher sensata que em sua consciência gostaria de passar pelas dores e as atribulações da maternidade? (*Cap. XI - A Loucura Perpetua a Espécie Humana*). Se os homens e mulheres tempo tivessem para raciocinar tudo estaria perdido, afinal não é o padre quem diz em certa altura da cerimônia de casamento “Quem for contra essa união fale agora ou cale-se para sempre” (*XVII – A Loucura Torna as Mulheres Amáveis*). Isso acaba por ilustrar a necessidade da loucura, e a tolice da sabedoria, já que neste momento a promessa das delícias sonhadas para uma vida a dois se sobrepõem a razão de todos os momentos difíceis que certamente irão passar no decorrer da vida conjugal. Existiria a coragem se por acaso tão somente a razão governasse? O que nos move enquanto seres humanos não são as paixões? Não são as dúvidas que nos levam a procurar respostas para várias perguntas? Sabemos que é a loucura que motiva os heróis à batalha, sem a loucura o mundo seria uma espécie de reclusão sem fim. Como podemos perceber a loucura muitas vezes governa a razão.

²Substantivo feminino

□ *Psiqu.* *obsol.* estado de desequilíbrio mental; anomalia psíquica; loucura.

☒ **2.** Propensão doentia para caçoar, para fazer gracejos.

Erasmus com seus ideais humanistas ergue uma forte campanha contra a ideologia ultrapassada e a ostentação de alguns membros da igreja que se perderam, segundo ele, em uma vida acima das leis de Deus e de nós simples mortais. Rotterdam destaca em sua obra várias formas de manifestações para a loucura, muitas delas relacionadas a fatores distantes da nossa tão vã compreensão, como alguns casos já citados anteriormente aqui.

Porém, as críticas de Erasmus podem ser pensadas primeiramente como uma crítica ao conceito que se dá sobre o ser ou parecer, já que homens e mulheres dentro desse contexto aqui narrados, deixam muito a desejar, no que diz respeito à ilusão, pois não conseguem viver livremente suas próprias fantasias em detrimento ao que se julga como certo ou errado pela sociedade. Assim encontramos outras críticas como à hierarquia religiosa, à teologia e a esta mesma sociedade renascentista. A proposta de Erasmus é de “reformatar” o cristianismo retornando-o para uma fraterna herança do cristianismo primitivo.³O culto cristão dos primeiros tempos caracterizava-se pela simplicidade do ritual, celebrado, entretanto, com grande alegria e piedade, decorrentes da esperança na volta iminente do Senhor. Os recém-convertidos cediam suas casas para que os cristãos pudessem reunir-se diariamente a fim de orar, conhecer a doutrina evangélica e participar da "fração do pão", expressão pela qual é designado o sacramento da Eucaristia nos Atos dos Apóstolos. Mas a frequência ao Templo continuava normalmente, já que o Cristianismo ainda não se havia libertado totalmente da influência e das práticas judaicas.

Engana-se, para tanto, aqueles que imaginam que ritos e atos carnavalescos, os quais engendraram o riso como elementos essenciais eram duramente perseguidos pelas instituições e crenças oficiais. De fato, o cristianismo primitivo condenava o riso por considerá-lo emanção do diabo. A festa, o riso, o caráter festivo da vida deveriam ser abolidos por não manifestarem arrependimento e dor, necessários, na visão cristã primitiva, à expiação dos pecados.

³Durante a dominação dos romanos sobre o povo judeu, o aparecimento de um novo profeta proporcionou uma grande transformação no pensamento religioso da época. Nascido em Nazaré, região da Galileia, Jesus profetizou uma ampla reforma religiosa que entrou em confronto com valores fundamentais do judaísmo. Ao criticar diversos pontos da antiga Lei Mosaica e as tradições instituídas pelos sacerdotes judeus, Jesus foi motivo de grande controvérsia.

Com o afastamento, ou melhor, com a exclusão do riso dos ritos oficiais houve a necessidade de legalizá-lo – e assim mantê-lo sob controle – em outra esfera (a não oficial), dando origem ao confronto formas cômicas versus formas canônicas. Contudo, mesmo com as duas formas conflitantes e uma delas representar a Igreja, havia a associação entre as formas cômicas e as instituições clericais e estatais. O riso, sancionado pela festa, relaciona-se —amistosamente com a Igreja e o Estado, por exemplo, na festa dos loucos, festa do asno, Corpus Christi, entre outros ritos carnavalescos. (BAKHTIN 1999, p. 71).

Podemos concluir então que o efeito contrário que essa forma de ritual não oficial nos traz, é a confirmação de uma afirmação que atravessa os limites do tempo: onde se professa que sem dúvida tudo que é proibido é sempre mais esperado.

Complementando as idéias de Erasmo a respeito da loucura religiosa, Bakhtin em sua visão do cômico, cita:

Atitude renascentista em relação ao riso pode ser caracterizada (...) [como] um ponto de vista particular e universal sobre o mundo [e que] por isso, a grande literatura (que coloca por outro lado problemas universais) deve admiti-lo da mesma forma que o sério: somente o riso; com efeito, pode ter acesso a certos aspectos extremamente importantes do mundo (BAKHTIN 1999, P. 57).

Essa concepção de que o riso é uma ferramenta fundamental para um mundo mais livre, onde certas regras morais e até pouco ortodoxas interagem com o ser humano, é passo importante para o bom entendimento das censuras impostas durante muito tempo por alguns setores que regiam a séria vida religiosa, pois a tomar como exemplo as festas oníricas dedicadas ao Deus Baco ou a Dionísio, onde o riso sem dúvida é fator principal entre seus freqüentadores, disfarçando certos pudores, porém por outro lado atijando outros.

3.1.3 O riso como fator transformante

Para Bakhtin (1987), o riso é de certa forma uma espécie de pontapé inicial no que se refere ao ideal de alegria e felicidade com que os homens procuram

deixar de lado suas rotinas cansativas e sociedades burocratas que apelam para os bons sentimentos cristãos de seus membros.⁴A revista Pandora Brasil Nº 31 Junho de 2011 ISSN 2175-3318 “*A Magia do Teatro*”, traz o seguinte texto sobre a obra de Erasmo: Não foi somente no âmbito social que a loucura se fez presente. Michel Foucault também menciona a importância que esse tema teve no âmbito da literatura erudita, propiciando uma série de obras, de caráter filosófico e satírico, que se apóia na Loucura, de modo a criar uma diversidade de jogos acadêmicos”.

Considerando que “ela é objeto de discursos, ela mesma sustenta discursos sobre si mesma; é denunciada, ela se defende, reivindica para si mesmo o estar mais próxima da razão que a própria razão” (Bakhtin, 2005: p.15).

Para o filósofo holandês, o tema da loucura funciona como um artifício literário. Por essa razão, acaba personificando-a de modo a realizar um sermão para com os mais variados desatinos da sociedade de seu tempo e aos exageros que a concerne, como, por exemplo, o culto à sabedoria, paixões amorosas, cultivo à arte, ambição pela fama, fé religiosa, realização heroica, entre outras. “A obra de Erasmo é, conforme menção de Antônio Vilanova (1949: p.18), “um tipo de sátira ofensiva e demolidora da ilusão e da fantasia que fazem parte da literatura do Renascimento”. Erasmo coloca a Loucura nos palcos da vida humana, apresentando-a como um elemento indispensável para a sobrevivência dos homens. Nesse sentido, a Loucura se mostra na obra de Roterdam como Semente e Fonte da vida, já que é ela e mais ninguém quem cultiva o prazer dos homens (Roterdam, 2004). Esse tipo de visão para com a Loucura permitiu que no Renascimento houvesse uma preferência acentuada pelo louco como fonte inesgotável de burlas e veras (Vilanova, 1949).

Vemos então através desses inúmeros comentários que o ideal que se tem em vários setores e estilos distintos da literatura é que essa magistral obra de Roterdam nos mostra que a loucura por si só já é uma grande defensora de si mesma, deixando para a humanidade apenas o livre arbítrio de ser e agir como nos bem aprouver. Pois ela tanto pode ser tratada de forma pejorativa como nos traduz o

⁴ Revista Pandora Brasil Nº 31 Junho de 2011 ISSN 2175-3318 “*A Magia do Teatro*”,

dicionário *Houaiss*- loucuras. - Qualidade ou caráter do que é louco. Doença mental; doidice; demência, insanidade. Ato próprio de louco.

Neste estudo por outro lado a enxergamos sob outra ótica: Loucura é o contrário de: lucidez, saúde, juízo, sobriedade, prudência, equilíbrio, calma, sossego, tranqüilidade, indiferença, desinteresse, alheamento, todos esses contrários que nos fazem quem somos e com que grau de sanidade olhamos o mundo.

Atuaria como moralista porque não teria sido atingido por aquilo que ele criticou: a loucura. Fingiu elogiá-la. A virtude estaria em quem escreveu sobre ela, o próprio Erasmo. A loucura ganharia ares de vício, com refinada ironia. Teria um sentido negativo. Erasmo teria armado todo um conjunto de argumentos que insistem num mundo desarrumado em que a sabedoria e as virtudes poderiam salvar o homem. O texto de Erasmo é dominado pela razão, por um espírito crítico. A ironia fina estaria no fato de a loucura elogiar suas obras (FOUCAULT, 1972, p. 33).

Podemos então deduzir, que mesmo Erasmo sendo um crítico ferrenho de práticas danosas, não foi ele bastante audaz para levar a cabo suas críticas ao seu meio social, usando então como Cervantes em sua obra *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de La Mancha*, um artifício para mascarar o verdadeiro autor da crítica. Mas isto é outra questão; o importante é que o mesmo ênfase dado por Erasmo encontra-se na obra de Cervantes um soldado que preso ao passado busca em exageros e expressões, demonstrar todas as facetas de uma sociedade que começava a se industrializar, e a se formar. De modo básico, ⁵se perderia muito querer compreender qualquer uma das obras separadamente, haja vista que, neste presente estudo podemos perceber uma ligação “dentre os autores e suas obras”.

3.2 Don Quijote de La Mancha

Para continuidade deste trabalho comparativo passamos agora à análise literária da obra de Cervantes, para esse fim foi estudado o personagem mais

próximo de Dom Quixote como ênfase à renúncia terrena do personagem, seu escudeiro Sancho Pança, para o embasamento religioso da obra Cervantina e ponte de ligação com o estudo comparativo da obra de Erasmo, demonstrando o forte ideal sem fins lucrativos do nosso bravo cavaleiro em contraponto aos homens de “fé” do mundo ético da Igreja medieval, colocando assim uma espécie de místico na relação do personagem com o ambiente social ao qual ele pertence.

Em resumo podemos dizer que o ideal do cavaleiro de armadura reluzente ao qual nosso Quixote faz jus está relacionado totalmente com essa temática, pois ao sair de sua casa e enfrentar as diversas situações que aparecem em sua jornada como cavaleiro andante ele renuncia não só ao conforto do lar, mas também a tudo que lhe é familiar, afim de um reconhecimento para seus feitos imaginários e heróicos, inserindo em seu relato uma espécie de ideal místico⁶.

Porém podemos pensar o termo místico citado aqui também no que se refere a outro tipo de pensamento, pois há várias leituras sobre estes escritos, a exemplo das obras de sor. Juana Inês de La Cruz, Santa Teresa de Jesus, San Juan de La Cruz, Fray Pedro Malón de Chaide, Fray Antônio de Molina, etc. Que apontam este tema como não só uma renúncia ao mundo, mas também uma ligação mais íntima do homem com Deus.

É preciso, neste momento, lembrar que as mulheres místicas da Idade Média viviam realmente uma relação de amor com o divino por meio da experiência mística. Marguerite Porete, por exemplo, como acontecia com outras beguinas, que, semelhante às “[...] virgens do cristianismo primitivo, não juravam formalmente a sua devoção, mas a viviam de fato” (KESSEL, 1990, p. 188). Os escritos de tais mulheres revelam não necessariamente um ensinamento religioso para sustentar interesses dogmáticos da instituição à qual pertenciam, mas, especialmente no domínio da poesia, as obras eram criadas pelo prazer de expressar uma ascética e uma estética experiencial.

⁶Para fins de conhecimento do leitor o Dicionário *Houaiss* aponta que o termo místico é descrito com o sentido de fatos e adjetivos. Que pertence ao misticismo: os autores místicos. — *s.m.* Pessoa dominada por idéias místicas, por intensa devoção religiosa, etc.

Voltando ao tema de análise para fundamento do presente trabalho, passamos agora a definir outro personagem chave para o decorrer da história de Quixote; Sancho Pança, representante típico do homem do povo espanhol dos séculos XVI, XVII e XVIII: pobre e astuto, decidido a tudo para melhorar sua situação socioeconômica. Esse homem anseia novas condições sociais que para ele vem com o dinheiro, pois este lhe permite, como homem livre, imaginar-se no futuro como um cidadão com direitos e deveres. Sua linguagem se faz, principalmente, na utilização de refrãos e ditados populares, que serviam de base linguística aos cidadãos pouco letrados, ou analfabetos, daquela época.

“Esse meu mestre, por mil sinais, foi visto como um lunático, e também eu não fiquei para trás, pois sou mais pateta que ele, já que o sigo e o sirvo se é verdadeiro o refrão que diz: ‘diga-me com quem anda e te direi quem és’ e o outro de ‘não com quem nasce, mas com quem passa’.”
(Don Quijote, 2005, P, 78).

Tanto Dom Quixote quanto Sancho Pança, em concordância com o Renascimento e o movimento Barroco, representa a luta entre o terreno e o divino, entre a cruz e a espada, rechaçando-se por um lado e associando-se por outro. A ciência toma o lugar do poder divino; já que a teologia fica de certa forma afastada, pois o guerreiro toma o lugar do cavaleiro.

Podemos caricaturar em um primeiro momento da obra o personagem Dom Quixote como alguém que representa o lado espiritual, sublime e nobre da natureza humana; Sancho Pança, por outro lado, o aspecto materialista, rude, animal que vai se metamorfoseando durante o decorrer da obra.

Acerca desse controverso tema o escritor peruano Mário Vargas Llosa (2004), nos diz:

Don Quixote e Sancho Pança, aí estão ainda, mesmo que chova, ruja o trovão, queime o sol, ou caiam estrelas no grande silêncio da noite polar, ou caiam estrelas no deserto, ou queime o sol, nas manhãs da selva. Dom Quixote e Sancho Pança, discutindo, vendo e entendendo coisas distintas, em tudo o que encontram e escutam. Porém, em que pese divergirem tanto, necessitam-se, cada vez mais, indissolúvelmente unidos, nesta estranha aliança, que é a

aliança do sonho e da vigília, do real e do ideal, da vida e da morte, do espírito e da carne, da ficção com a realidade.

Nesta espécie de complementação, Don Quixote pode ser comparado a um tipo de ⁷pigmaleão para Sancho Pança e vice versa, pois ao longo de toda obra eles vão se transformando para no fim de tudo, ou seja, com a morte de Alonso Quijano, nunca a de Quixote, pois esse sim se torna imortal, Sancho toma para si o dever de não deixar os feitos de seu amo caírem no esquecimento.

Nesse momento de profunda transição entre um sistema e outro, já que o feudo fica pra trás dando lugar a outro tipo de relação social, Sancho Pança não se sente confortável o suficiente em sua condição de pobreza para dizer não à oportunidade que lhe oferece Dom Quixote de sair da miséria e da ignorância e viver pelo mundo em grandes aventuras, a loucura sua de Sancho é aqui um mero detalhe. Os métodos de avaliação do mundo para o personagem Dom Quixote estão ancorados, em suas exaustivas leituras de livros de cavalaria, que o remetem a toda sorte de infortúnios pelos quais passa nosso louco personagem e seu fiel escudeiro, criando assim um mundo paralelo e sem maldades terrenas, onde somente o bom e o belo triunfam. A temática trabalhada na obra se articula por meio dos códigos de cavalaria, como normas e regras morais feitas para serem seguidas e tão características dessa grande obra e às quais o personagem obedece com a firme intenção de modificar seus atos e condutas, tal aspecto é decisivo para a constituição da subjetividade cavalheiresca na obra.

Em um meio social em que já não “existia” o cavaleiro em defesa da donzela desprotegida, em busca de justiça e libertação dos oprimidos (dentre estas podemos destacar a luta épica contra os moinhos de vento, que para ele eram vistos como gigantes maldosos que ali estavam para causar danos), “nada mais cômodo que enxergar apenas desvio mental àquele que se propunha a tais feitos” (Cervantes, 2005. p. 07-186).

⁷O Efeito Pigmaleão encontra uma abordagem ligada ao marketing pessoal: se você se vê com olhos negativos, destacando suas próprias fraquezas e más qualidades, já se sente autorizado a ser assim, o que limitará suas escolhas e afetará sua autoconfiança. O Efeito de Pigmaleão possui conexões com a idéia da profecia que se auto realiza: você se torna aquilo que pensa ser...

No capítulo X da primeira parte do romance, observa-se, claramente, a ligação em que se encontram o mundo terreno e o divino. As concepções fora do centro medieval e dentro do mundo moderno fundem-se no personagem Sancho Pança, quando este roga a Deus para que seu amo seja vitorioso e, ao mesmo tempo, para que ele (Sancho) fique rico:

Ya en este tiempo se había levantado Sancho Panza, algo maltratado de los mozos de los frailes, y había estado atento a la batalla de su señor don Quijote, y rogaba a Dios en su corazón fuese servido de darle vitoria, y que en ella ganase alguna insula de donde le hiciese gobernador. (Cervantes, 2005, p.90).

Esse comentário serve de conclusão para a questão levantada anteriormente, as implicações dadas à separação do dinheiro X religião estão inseridas em todas as ações dos personagens, sejam elas boas ou não. Essa parte do diálogo entre Sancho e Dom Quixote demonstra bem essa idéia que se tem deste controverso modo de separar o puro da ganância.

Escribí aquel libro para repensar el *Quijote* contra cervantistas y eruditos, para hacer obra de vida de lo que era y sigue siendo para los más letra muerta. ¿Qué me importa lo que Cervantes quiso o no quiso poner allí y lo qué realmente puso? Lo vivo es lo que yo allí descubro, pusiéralo o no Cervantes, lo que yo allí pongo y sobrepongo y sotopongo, y lo que ponemos allí todos. “Quise allí rastrear nuestra filosofía (Unamuno, 1983. P, 311)”.

Unamuno reitera vezes sem fim em sua obra que, Cervantes não deu a Sancho e a Quixote o direito de se mostrar como o que realmente eram, não só pureza e ganância, mais também por outro lado orgulho, já que ambos buscavam certo tipo de status sociais para que deles se lembrassem por séculos sem fim. Nesta questão estaria esse ideal implícito se por acaso a loucura não desse sua contribuição? Como coexistiriam essas incongruências tão íntimas dos personagens sem um quê de insanidade? “*Vida de Don Quijote y Sancho*”, de Miguel de Unamuno, é de certa forma, uma releitura da obra original do Quixote de Cervantes e suas personagens, Don Quixote e Sancho Pança. Unamuno tenta de certo modo

redefinir lhes, enfatizando tanto o papel do Cavaleiro quanto de seu escudeiro, ressaltando a coragem do cavaleiro da triste figura e os medos de seu inseparável Sancho. Nessa obra, podemos notar que Unamuno vê o Quixote sob um ponto de vista heróico, mostrado talvez até como um tipo de “espírito e essência histórica do povo espanhol” (FUENTES, 1994, P.96), ganhando múltiplas leituras e interpretações.

Cervantes fue, pues, un genio temporero; y si se nos aparece como genio absoluto y duradero, como mayor que los más de los genios vitalicios, es porque la obra que escribió durante la temporada de su genialidad es una obra no ya vitalicia, sino eterna. Al héroe de un día, al que en el día de su heroicidad le sea dado derrocar un inmenso imperio y cambiar así el curso de la Historia, le está reservado en la memoria de las gentes un lugar más alto que el de muchos genios vitalicios que no derrocaron imperio alguno material. (Unamuno, 1906). (*apud Fuentes, 1994, p.96*).

Lendo os comentários de Dom Miguel de Unamuno sobre Dom Quixote, podemos concluir que ele faz do seu pensamento sobre a obra de Cervantes, um compromisso com a filosofia deste, mas podemos de antemão deixar claro ao leitor que nesta obra, Unamuno compara as idéias do Quixote em detrimento dos pensamentos do próprio Cervantes. Em particular, percebemos talvez que Unamuno usa esses pensamentos cervantinos mais como uma rota de fuga da tradição filosófica européia, inserindo assim a construção de um modo de pensar e fazer somente a partir de suas próprias raízes.

3.3 Tempo histórico das obras

Em se tratando da comparação histórica das duas obras trabalhadas aqui, nota-se um enfoque distinto no modo como o ideal servil e pouco ortodoxo da loucura é trabalhada, pois ao demonstrá-la não só sob um ponto de vista negativo, mas sim também sob uma ótica construtiva (já que em ambas as obras se fazem presente um ideal de justiça e igualdade, tanto social quanto moral que está implícita em cada parte desta crítica), no caso de Dom Quixote se trata a loucura como uma

coisa intrínseca ao ser, porém, no entanto as críticas aqui expostas tratam essa loucura positiva como uma espécie de ponto inicial, ou seja, se o Quixote é um louco bom e suas ações só trazem infortúnio para si próprio o que há de se fazer, diferentemente da concepção religiosa de Rotterdam que vê a escritura sagrada como parâmetro de comparação entre as pessoas de uma sociedade reservada, que vê na religião apenas uma espécie de meio lucrativo para se alcançar um determinado status social.

A religiosidade sempre foi motivo de discussões filosóficas durante a evolução da humanidade, tanto no que se refere à crença na existência de um ser superior, quanto no comportamento das famílias e da sociedade, e certamente na evolução espiritual individual e coletiva. Durante séculos e séculos se professam várias religiões que no fim busca servir a apenas um mesmo ser que congrega todas elas. Compreender a estrutura histórica da sociedade onde se passa a obra, os valores e o modo de ver o mundo em que estão inseridos o autor e o personagem, constitui-se de fundamental importância para se chegar a entender porque um homem se propõe a mudar valores tão profundamente estabelecidos na sociedade espanhola do século XVII, assumindo para si uma responsabilidade que se crê por todos impossível de ser cumprida por um único indivíduo. Responsabilidade essa que se traduz, nas palavras de Mario Vargas Llosa em “echar sobre sus hombros la tarea de hacer menos injusto y más libre y próspero el mundo en que vive” (VARGAS LLOSA, 2004, p. 48).

Concluimos então que o mundo exaustivo da sociedade cavaleiresca é um mundo de descobertas.

Ele não possui somente uma série quase sem fim de aventuras, mas também, e, acima de tudo, nada além do que pertencer à aventura. Nada que não seja ambiente ou preparação para ela. É um mundo criado e preparado para a provação do cavaleiro. (AUERBACH, 2004, p. 110)

Voltando ao tempo histórico de Cervantes vemos que esse foi um tempo de profundas e conturbadas mudanças religiosas, o autor procura inserir em seus personagens nuance de várias orientações religiosas da época. À primeira vista,

parecia em certo momento coexistir com ideais da contrarreforma católica, movimento este que buscava deter o forte avanço do protestantismo, reafirmando alguns dogmas da igreja católica, em outra conseguia burlar de forma magistral a censura e perseguição dos tempos da inquisição, Para fugir dessa censura em primeiro lugar encontrou na renúncia da paternidade da obra uma espécie de saída magistral, dando a entender apenas ser um seguidor de ⁸ Cide Hamete Benegelli. Nesse momento, o autor arábico Cide Hamete aparece pela primeira vez. Os capítulos iniciais o apontam como único autor da história com a função de apresentar o novo criador do romance e, com esse autor, a história completa, em sua versão inicial. Essa maneira de pensar o salvou várias vezes da fogueira. Inquisição essa, aliás, que havia se fortalecido durante o reinado de Felipe II Rei católico espanhol.

Pinheiro (2001) escreve:

Cada homem reside em um tempo histórico natural, isto é, cultural e, Social. Cada época está direcionada por seus valores, por seu modo de ver o mundo. Assim, “além da intenção explícita do leitor, tem-se uma ‘moldura’ implícita e desconhecida que condiciona a leitura no caso da comparação de qualquer obra” (PINHEIRO, 2001, p. 177).

Cervantes foi crítico árduo de idéias e crenças como as práticas de feitiçaria e as perseguições movidas pela intolerância religiosa, predominantes num tempo dominado pelo fanatismo religioso e por superstições de todo tipo.

No tempo de Cervantes, um homem poderia revelar o seu valor sobressaindo-se pelo exercício das armas ou das letras, O “Discurso de La Edad Dorada” (Cervantes, 2005 cap. 11) que se encontra no início das aventuras de Dom Quixote e Sancho Pança. O referido discurso é pronunciado por Dom Quixote perante um grupo de cabreiros e também na presença de seu fiel escudeiro Sancho. Ao longo desse pronunciamento, o velho fidalgo faz, partindo de um tema clássico e mitológico, um elogio brilhante às qualidades de vida na Idade de Ouro em detrimento das mazelas instauradas na Idade de Ferro. É por intermédio desse

⁸O “historiador arábico” Cide Hamete Benegelli, é o primeiro autor do relato Cervantino. Aparece no romance no capítulo 9, quando o autor cristão, inicialmente “descreve a descoberta do calhamaço em Alcalá de Toledo”.

elóquio que Dom Quixote “(...) da renda suelta a suspensamientos” (AMÉZCUA, 1989, p. 312), fazendo assim uma referência as qualidades de vida e a virtude humana tão em falta no seu tempo histórico original.

Analisando de forma literal a obra, observa-se que os recursos mais ousados que Cervantes utiliza para denunciar esse ideal de loucura positiva são a carnavalização, a sátira e a paródia. Ao chamar seu relato de “história” - denominação referente às obras que relatavam fatos veredictos, e não “estória”, sinônimo de fantasia, Cervantes, propositalmente confunde sua ficção com a realidade. Exagerando as aventuras de seu personagem ao ponto de torná-las cômicas, e com seus enfeites, ridículos, ele demonstra a falta de compromisso com a verdade por parte dos historiadores que escreviam as novelas de cavalaria, tornando-as estáveis, dependentes do efeito que o escritor pretendesse provocar no leitor.

Esse tipo de pouco caso com a história, ao que tudo indica, provocava no escritor, certo desprezo pelos historiadores a ponto de fazê-lo mencionar, a partir das primeiras páginas do romance, o pouco que ele acredita em seus relatos e de voltar a repeti-lo em várias ocasiões, como no capítulo III da segunda parte, em que comenta: “[...] y los historiadores que de mentiras se valen habían de ser quemados como los que hacen monedas falsas” [...]” (CERVANTES, 2004, p. 572).

Com essas palavras Cervantes deixa claro que para ele uma história para ser bem contada não precisa iludir de forma inadequada o leitor, pois como acontece com Don Alonso Quijano, imaginar-se nos livros que leu, traz para quem mergulha nesse universo situações inesperadas.

3.3.1 A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais

Passamos agora a citar alguns pontos da obra de Bakhtin para melhor entendimento da necessidade de se inserir esses conceitos dialógicos no presente estudo, já que em vários pontos das obras trabalhadas aqui se utilizam diversas

referências a essa fantasia que equipara homens e mulheres a um mesmo tipo de status, usando para tanto diversas formas de mascarar a realidade social vigente.

3.3.2 O CARNAVAL COMO LINHA DIVISÓRIA

Esse relato acerca da idéia de carnavalização se faz preciso apenas para situar os leitores desse estudo, já que utilizamos a obra de Bakhtin em varias idéias comparativas aqui expostas no que se refere à loucura como disfarce. O processo de carnavalização, conceito bakhtiniano desenvolvido a partir da obra de Rabelais (1991) É também explorado por Gabriel Garcia Márquez em Cien Años de Soledad (1967), pelo uso de exageros que provocam o riso. O traço humorístico se materializa nas paródias, uma das características mais freqüentes da NNHLA (nova modalidade narrativa histórica), que, sem dúvida, representa uma forma de releitura das obras precursoras. E, finalmente, a linguagem culta, também um dos conceitos bakhtinianos freqüentes na nova modalidade narrativa histórica, a qual consiste em trazer à baila, de maneira consciente, diferentes níveis ou tipos de linguagem. Todos esses traços podem ser encontrados nos personagens em Dom Quixote de La Mancha, já que são partes integrantes de realidades diversas.

Para essa afirmação postula Bakhtin:

A festa oficial tinha como escopo a consagração da desigualdade ao contrário do carnaval em que a simetria reinava e sobressaía uma forma especial de contato livre e familiar entre indivíduos normalmente separados cotidianamente pelas barreiras intransponíveis da sua condição, sua fortuna, seu emprego, idade e situação familiar. Esse contato livre e familiar era vivido intensamente e constituía uma parte essencial da visão carnavalesca do mundo, contrapondo-se à festa oficial. Enquanto esta apresentava padrões rígidos, o carnaval era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus (Bakhtin, 1999, p. 08).

Esta visão de Bakhtin, de certa forma, é a visão que se tinha do carnaval em alguns momentos da história, um instante em que todos os homens e mulheres eram equiparados a mesma categoria social, onde o único objetivo era a liberdade

para se assumir qualquer papel a que se propunha com o firme propósito de ser feliz.

A religião tem sua própria versão de como surgiu o carnaval:

A Igreja Católica defendeu por muitos anos que a festa surgiu a partir da implantação da Semana Santa, no século XI. A Semana Santa ou, mais exatamente, a Sexta-feira Santa, é antecedida pela Quaresma, período de 40 dias que começa exatamente na Quarta-feira de Cinzas. A Quaresma seria um longo período voltado à reflexão e onde os cristãos se recolheriam em orações e penitências a fim de preparar o espírito para a chegada do Cristo ressurreto. Mas, antes, festa total! O longo período de privações teria incentivado as festividades nos dias anteriores à Quarta-feira de Cinzas. A palavra “carnaval” estaria também relacionada à ideia dos prazeres da carne e a etimologia vem a nosso auxílio: carnaval deriva da expressão *carnisvalles*, *carnis* significa “carne” em latim e *vales* significa “prazeres”. Então, se há a devoção a Cristo, antes há a devoção aos prazeres da carne. E não é nada de espantar a nudez das pessoas durante o período... (Da Matta, 2000, p.13).

Como em todas as premissas a igreja busca inserir um caráter religioso para não ficar a margem dessa idéia de motivação do riso e da alegria, vinculadas ao carnaval.

Trazendo aqui a inserção do termo *carnavalesco* para os tempos de Quixote, Bakhtin estuda o impacto da cultura popular no livro de Cervantes, organizando-o em torno de algumas características bem marcantes, vistas em seus personagens, como se para criar um tipo de peça teatral *carnavalesca*. Citamos entre alguma dessas características nomes como Sancho Pança, que descreve metaforicamente o perfil de seu escudeiro. Todas essas características integram uma grande análise que se entende aqui como extravagantes.

Bakhtin, 1987 relata:

Os espectadores não assistem ao carnaval, eles o vivem, uma vez que o carnaval, pela sua própria natureza, existe para todo o povo. Enquanto dura o carnaval, não se conhece outra vida senão a do carnaval. Impossível escapar a ela, pois o carnaval não tem nenhuma fronteira espacial. Durante a realização da festa, só se pode viver de acordo com suas leis, isto é, as leis da liberdade.

Pode-se então entender que o carnaval é de certa forma uma válvula de escape para muitos, pois durante esse período tudo se permite de certa maneira. Segundo a revista *Tempo Social; Rev.Social. USP*, S. Paulo, 9(2): 125-154 outubro de 1997, historiadora Dilmar Miranda nos diz: “Nos costumes primitivos existia o “riso ritual”, oficialmente”. Instituído, uma espécie de contrafação cômica dos cultos sérios, que convertia o sagrado em motivo de burla, o herói em motivo de paródia e chacota. Bakhtin dá conta de fenômeno similar na Roma primitiva. Por ocasião da celebração de algum triunfo, o vencedor, em igual proporção, era simultaneamente escarnecido. Nas cerimônias fúnebres, o morto era objeto de pranto e celebração, bem como de escárnio. Vitória ou fracasso, glória ou vilipêndio, possibilidades antinômicas decorrentes da mesma situação de risco, que precisavam ser sempre lembradas”.

Então o que diferencia esses duplos ritualísticos, entre o mundo primitivo e as sociedades onde prevalece o sistema de classes, como no Estado romano e na Idade Média, é a perda da unidade ritualística, de modo que as formas cômicas, ao se afastarem das formas oficiais, cada vez mais se complexificam. Como exemplo Bakhtin cita as saturnais romanas e os carnavais medievais. No carnaval medieval, o princípio da comicidade ganha autonomia de seu contraponto religioso. Distante de qualquer dogmatismo místico-eclesiástico, os festejos perdem qualquer tipo de caráter mágico ou encantatório, o que ainda se poderia encontrar no riso ritualístico primitivo. Destaca-se seu caráter de festa pagã. Em certos casos, as formas carnavalescas são autênticas paródias do culto religioso.

A despeito de semelhança com formas teatrais, a festa medieval situa-se entre a arte e a vida cotidiana. Para Bakhtin (1987), existe uma diferença básica entre o teatro e o carnaval da Idade Média. Ele o carnaval ignora por completo qualquer distinção entre ator e espectador. Ignora também o palco. “Pois o palco teria destruído o carnaval e inversamente, a destruição do palco teria destruído o espetáculo Teatral (Bakhtin, 1993, p. 6). Os “foliões” não assistem passivos ao carnaval. Participam, vivem, pois o festejo é para todos. Daí “seu caráter universal”. A “lei que preside o carnaval é a lei da liberdade”.

Com isso, segundo postula Bakhtin (2005), pode-se dizer que o riso é uma das principais formas pelas quais se exprime a verdade sobre o mundo, sobre a história, sobre o homem, assumindo "um profundo valor de concepção do mundo." (ibid., p.57).

Como explica Bakhtin (2003), pode haver duas ou mais interpretações dos acontecimentos. Consideremos que, para Cervantes, a história é interpretação de fatos, aquilo que nós pensamos que ocorreu não o que realmente ocorreu.

Analisando aqui não somente a loucura, mas o cômico, que, como tudo ao nosso redor, não deixa de ter um "quê" de loucura, nota-se que Bakhtin, busca parafrasear acerca da natureza do riso medieval. Para isso, baseou-se no fato de que historicamente a chamada sociedade medieval era na prática regida por uma espécie de divisão bastante acentuada entre o que era sério e que se considerava cômico. Pode-se dizer que as autoridades, os religiosos e os senhores feudais defendiam a seriedade como um tipo de atributo da cultura oficial praticada na época. Essa ideia de cômico vista na obra de Bakhtin por sua vez, opunha-se à cultura oficial e este valor subversivo viria a transformar-se em uma das características essenciais da cultura popular.

Segundo o texto escrito pelo blogueiro de história geral Milton Ribeiro, O carnaval não se distinguia apenas da vida cotidiana socialmente hierarquizada, mas, sobretudo, das festas oficiais. Enquanto estas consagravam a estabilidade, a imutabilidade e permanência das regras que conduziam o mundo em camadas rígidas, o carnaval proclamava a suspensão de valores, normas, tabus religiosos, políticos e morais correntes.

Bakhtin (1987, p.76) considera Dom Quixote uma das maiores obras carnavalescas da literatura mundial, uma obra que se localiza entre o realismo grotesco e a cultura cômica popular. A carnavalização, caracterizada em algumas obras por traços específicos como a polifonia e o riso carnavalesco, representa um elo entre a cultura cômica e a grande literatura que se revela na Espanha no século de ouro, nos finais da época medieval.

Dentro desse conceito atribuído a loucura, passaremos a demonstrar de forma pontual o universo cavaleiresco do nosso Fidalgo machengo Don Quijote de

La Mancha e seu mundo imaginário traduzido aqui pelos atos do nosso cavaleiro da triste figura que tem no código dos cavaleiros andantes todas as ações que pratica.

Demonstrando de maneira pontual algumas dessas comparações para embasamento deste trabalho de comparação literária, traduzimos o mundo de Erasmo como um mundo que traz uma fé regida, sobretudo pela avareza e sede de poder de muitos de seus crentes. Enquanto o personagem Dom Quixote habita no homem de fé, que acredita no poder da autodeterminação e na retidão de caráter, construindo-se e se reconstruindo, guiado por novos tempos tanto éticos, quanto estéticos e morais.

Para essa idéia de loucura como fonte de libertação Quixote nos revela:

La libertad, Sancho, es uno de los más preciosos dones que a los hombres dieron los cielos; con ella no pueden igualarse los tesoros que encierra la tierra ni el mar encubre; por la libertad, así como por la honra, se puede y debe aventurar la vida, y, por el contrario, el cautiverio es el mayor mal que puede venir a los hombres. Digo esto, Sancho, porque bien has visto el regalo, la abundancia que en este castillo que dejamos hemos tenido; pues en mitad de aquellos banquetes sazonados y de aquellas bebidas de nieve, me parecía a mí que estaba metido entre las estrechezas de la hambre, porque no lo gozaba con la libertad que lo gozara si fueran míos; que las obligaciones de las recompensas de los beneficios y mercedes recibidas son ataduras que no dejan campear al ánimo libre. ¡Venturoso aquél a quien el cielo dio un pedazo de pan, sin que le quede obligación de agradecerlo a otro que al mismo cielo! (Cervantes, 2005, p.90).

Porque havemos todos de concordar, sem essa loucura inerente a nós e tão mal aproveitada pelo ser, o que seria mais utópico do que nos compararmos às maravilhas do mundo, ha momentos em que estamos bem, em outros nem tanto, tudo depende do estado de nosso espírito.

Entrando de vez no universo quixotesco pontuamos aqui uma idéia freqüente em todos os leitores de Cervantes, ao iniciarmos a leitura nos deparamos com a seguinte narrativa:

“En un lugar de La Mancha, vivió hace muchos años un fidalgo Caballero llamado Don Alonso Quijano que de tanto leer libros de caballería se volvió loco y decidió hacerse Caballero a pie y caminar sin rumbo en búsqueda de varias aventuras”. (Don Quijote, 2005, p.6).

Nessas andanças, ele sempre se envolve em toda sorte de aventuras, ou seriam desventuras? Mas suas fantasias são sempre desmentidas pela dura realidade. O efeito é altamente humorístico e cômico, mas, de certa forma, também reflete o pensamento da sociedade que julga suas ações como algo fora dos padrões, fora do cotidiano, fora da normalidade imutável que a própria sociedade impõe. Demonstrando o fato, criticando, avisando, porém nada fazendo para que essa situação de fato mude.

Dom Quixote não tinha consciência do que fazia. Ele havia se aprofundado tanto naquele mundo irreal das suas histórias de cavalaria que começou a ver coisas que não existiam de fato, tais como moinhos de vento e doces donzelas em perigo. Ao menos esta é a visão tradicional que se tem da obra. Unamuno aponta para outra vertente, enxergando um Quixote criador capaz de ver o que os outros não veem:

Mira, lector, aunque no te conozco, te quiero tanto que si pudiese tenerte en mis manos, te abriría el pecho y en el cogollo del corazón te rasgaría una llaga y te pondría allí vinagre y sal para que no pudieses descansar nunca y vivieras en perpetua zozobra y en anhelo inacabable (Unamuno, 1988, 505).

Diante do exposto podemos até dizer que talvez Unamuno acreditasse mais em nossos dois heróis que Cervantes seu próprio criador, pois está a toda hora demonstrando e exaltando suas qualidades. Partindo deste pressuposto, foi possível contrapor o parâmetro da loucura, o ideal heróico e cavaleiresco do Quixote e a ganancia subversiva do santo sacro de Erasmo.

Em um artigo introdutório da prestigiada edição do IV centenário de Dom Quixote, Martín de Riquer (2005, p. LXV) escreve de forma categórica:

Para chegar a uma compreensão cabal do Quixote, pois, é preciso ter bem em conta que esse romance não é uma sátira da cavalaria ou dos ideais cavaleirescos, (...) uma burla do heroísmo e do idealismo nobre, mas a burla de uns livros que, por seus exageros extremos e sua falta de mesura, ridicularizavam o heroico e o ideal. Todo o Quixote está construído como uma paródia dos livros de cavalarias (Martín de Riquer, 2005 p. 65).

Para Cervantes todas as pessoas eram iguais perante Deus e a sociedade, e que segundo ele, só o desapego das coisas materiais e as boas ações praticadas, levavam sua alma para o céu, em reconhecimento a seu espírito idôneo.

Talvez em consequência deste pensamento, Na língua portuguesa, a palavra “quixotesca” ganhou significados como “ingênuo, romântico, sonhador”. Mais para nós nenhuma delas descreve de fato nosso herói, pois ao criar um mundo imaginário e levá-lo de fato para vida real, Dom Quixote nos deixa uma mensagem de esperança e fé, como poucas obras e ensinamentos bíblicos já nos deixaram: Tenha a coragem de ser o que se quer não aquilo que os outros esperam que você seja.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após longos e misteriosos estudos chegamos ao fim desta análise comparativa das obras O Elogio da Loucura e El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de La Mancha, e a loucura presente nos escritos de dois dos mais significativos escritores/pensadores da história.

Podemos dizer que tanto Erasmo quanto Cervantes buscam apenas um senso comum, sim somos loucos, porém essa loucura não se traduz na demência do ser humano, e sim na tradução da liberdade com a qual somos conferidos com essa loucura boa que vimos no decorrer deste estudo.

Ao fazer uma pequena contextualização histórica das obras vimos que vários momentos históricos são atravessados pelos autores mantendo-os em uma espécie de tempo presente no qual suas idéias fazem parte de pensamentos contemporâneos de vários escritores posteriores a eles.

A partir do segundo capítulo criamos uma ponte imaginária entre os autores, buscando através da análise das obras entender a importância do tema base deste trabalho “a loucura”.

Analisando e enfatizando não a loucura doentia da debilidade humana, nem a adesão à loucura descrita por Paulo à cruz de Cristo, as obras parecem referir-se as comédias da vida, porém essa verdade é muito mais profunda: tudo aquilo que nos parece loucura, no fundo é um reflexo da verdade do homem nos caminhos e descaminhos da evolução humana.

Nos nossos dias, a palavra loucura ficou restrita às pessoas que por alguma deficiência são conduzidas à reclusão em manicômios. Todavia, cogitamos que isso possa advir do abismo social, divisória que separa a sociedade em graus distintos; aqueles com status social elevado, em contraponto com a outra fatia onde existe todo tipo de miséria humana sem o mínimo de condições e perspectivas de futuro, essa visão outra coisa não é, senão um novo viés, uma nova versão da loucura que Erasmo, ironicamente, menciona em seu livro. Esta loucura talvez seja de todas a mais insana.

Para melhor entender, a verdade transparece, de forma clara, ou não, nos atos, nos fatos, nos erros e também nos acertos, enfim em todas as pequenas ações do homem, seja ele um ser individual, coletivo ou ainda eclesial e político.

Erasmus nos diz com seus textos que a loucura dá um toque de sabor à vida, o que nos deixa alegres e risonhos, não são, contudo a frieza e a razão, mas o calor da paixão, a fina linha entre ser e estar. Por esse motivo, talvez a natureza tenha criado o homem, ora e por que não citar nesta construção a participação de Deus? Apenas um breve elóquio, pois se Deus criou todas as coisas, a natureza e o homem estão inseridos nesta criação, Ela, a natureza criou o homem para desfrutar de ímpetos passionais aonde o império da razão chega de modo calmo e se esconde num recanto da mente.

Para encerramento desta análise comparativa, passamos apenas a uma sucinta referência a esse mundo da Igreja católica medieval da qual Erasmo faz parte efetivamente, tanto como Quixote, ele busca perceber o sentido em várias posturas eclesiásticas de alguns religiosos dessa vertente, ao criticar o apego terreno de seus participantes ele desconstrói a mística ascética referenciada no Quixote, pois como vimos durante nossas leituras exaustivas, todo esse longo percurso feito tanto por Dom Quixote quanto por Sancho, encontra seu ápice na maneira diversa com que os personagens enxergavam o mundo ao seu redor, pois em alguma parte do caminho Sancho deixa de ser apenas um seguidor de ideias para difundi-las.

Erasmus tem um desprezo profundo por abusos e contradições dentro desse universo religioso ao demonstrar como Jesus em certa passagem bíblica que mostra alguns referenciando a religião como meio econômico, fato que não se adéqua de maneira alguma aos verdadeiros preceitos evangélicos pregados, pois a loucura nesse contexto é uma crítica implícita ao modo de vida luxuoso com o qual estão acostumados os bispos e padres, em contraste ao modo de vida humilde de seus servos. Como bom humanista Erasmo prega a simplicidade e a existência sem grandes ornamentos e estilo de vida farta vivendo apenas com o necessário para chegar ao fim de nossas jornadas com fé e perseverança em dias melhores.

Enfim, poderíamos aqui ficar em infundáveis conjecturas do que é a loucura, bastando para isso pensar no nosso cotidiano e nas pessoas que fazem parte dele, mas levando esse conceito para dentro do universo literário aqui contemplado pelas obras mães deste projeto, podemos dizer que a loucura infantil, e quase sem malfeitos, aquela que habita dentro de nós mais vive escondida em um recanto da mente não é quem no final prevalece, pois a humanidade ainda não está de fato preparada para assumir sua loucura, escondida quem sabe em um universo chamado vida.

REFERÊNCIAS

“Sobre La lectura e interpretación Del Quijote” in Otros Ensayos, Obras Completas, Tomo 1. Ed. M. García Blanco, Afrodísio Aguado, Madrid, 1958, pp. 1227-1238. ACKER, Van Teresa. Renascimento e Humanismo. Atual. São Paulo. 1992.

AMÉZCUA, José. **Seres de contacto y seres de no contacto: Don Quixote, primera parte**. CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN INTERNACIONAL DE CERVANTISTAS, 9,177 1986, Berlin. Actas... Berlin: Ibero-Amerikanisches Institut Preussischer Kulturbesitz, 1986. P. 311-319.

Antologia poética. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1946.

AUERBACH, Erich. **Mimesis**. (Trad. J. Guinsburg). São Paulo: Perspectiva, 2004

BAIGENT, Michael; LEIGH, Richard. **Alquisição**. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Imago, 2001. Acesso em 01/12/2016.

BAKHTIN Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec; Brasília, Universidade de Brasília, 2008.

saaavedra miguel de cervantes el ingenioso hidalgo don quijote de la mancha [Seção do Livro]. - buenos aires : longseller, 2005.

COSTA, Lígia Militz. **A Poética de Aristóteles**. São Paulo: Ática: 2003.

DA MATTA, Roberto. (1973) **O carnaval como um rito de passagem**. In: Ensaio de antropologia estrutural Petrópolis, Vozes. P. 121-168.

Don Quixote de la Mancha Edição e notas de Francisco Rico (edición del IV centenario). Madrid: Santillana Ediciones Generales/ Real Academia Española, 2004. Includo tradução de: Mario Vargas Llosa, "Una novela para el siglo XXI"; Francisco Ayala, "La invención del 'Quijote'"; Martín de Riquer, "Cervantes y el 'Quijote'".

El Autor Ficticio Cide Hamete Benengeli y sus Variantes y Pervivencia en las Continuaciones e Imitaciones Del Quijote. Madrid, Universidad Complutense, 1990.

El Caballero de la triste figura. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1945.

ELIAS, Norbert. **A Condição Humana**. Lisboa: Difel, 1991. Acessado em 14 de julho de 2016.

ESTRELLA, Gutiérrez Fermín. **Historia de la Literatura Española**. Buenos Aires: Editorial Kapelusz, 1945, 1955.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. Tradução de José Teixeira Neto. São Paulo: Perspectiva, 2005.

FUENTES, Carlos. **Cervantes o La crítica de La lectura**. México: Joaquín Mortiz, 1976. Madrid: Centro de Estudios Cervantinos, 1994.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos & duelos**. 2. Ed. São Carlos: Clara Luz, 2006.

La cultura popular en la Edad Média y en el Renacimiento. (Trad. Julio Forcat e César Conroy). Madrid: Alianza, 1987.

LIENHARD, Marc. **A Reforma. A rebeldia de Lutero:** por Deus, contra a Igreja. História Viva, São Paulo, n. 22, p. 66-72, nov. 2016.

Marxismo e Filosofia da Linguagem. (Trad. M. Lahud, Y. Frateschi). São Paulo: Hucitec, 1979.

Massa, Domingos. 2013/04/23. **Resenha-Elogio da Loucura de Erasmo-de-Rotterdam.** Acessado em: 19 de julho de 2016.

Mi religión y otros ensayos breves. 7. a ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1978.

Monodíálogos. Madrid: Editorial Espasa-Calpe, 1972. (Colección Austral).

ROTTERDAM, Erasmo de. **O Elogio da Loucura.** Martins Fontes: São Paulo, 2004.

Saaavedra Miguel de Cervantes **El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de La Mancha.** -Buenos Aires : Longseler, 2005.

Site: <http://miltonribeiro.sul21.com.br/tag/Mikhail-Bakhtin-> Acesso em 18 de out de 2016

Site: <http://tesede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/6266/1> -. Acesso em 10/12/16.

Site: [http://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/historia-geral/-](http://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/historia-geral/). Acesso em 13/10/ 2016.

Site: [http://www.espirito.org.br/portal/artigos/geae/historia do cristianismo-](http://www.espirito.org.br/portal/artigos/geae/historia%20do%20cristianismo) Acesso em 05/10/2016.

Site: <http://www.portaldoscondominios.com.br/cultura/ChrisQuixote.asp>. Acesso em 10/12/2016

Site: substantivo plural [Online]. - 10 de setembro de 2016. - [www.substantivo plural.com.br](http://www.substantivoplural.com.br).

Site: [http://www.webartigos.com/artigos/loucura-em-erasmo-de-roterdam-e-miguel-de-cervantes/113340/-](http://www.webartigos.com/artigos/loucura-em-erasmo-de-roterdam-e-miguel-de-cervantes/113340/). Acesso em 14/10/2016.

SOUSA, Rainer Gonçalves. "**Renascimento**". Brasil Escola. Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/historiag/renascimento.html>. Acesso em 13 de out de 2016.

UNAMUNO, Miguel de. **Alrededor del estilo**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1998.

Unamuno, Miguel de. **Obras Completas**. Tomo iv. ensayo ii: la vida de don quijote y sancho / mi religion y otros ensayos breves / soliloquios y conversaciones / contra esto y aquello / el porvenir de españa / españa y los españoles i Madrid: Afrodísio Aguado, 1958. V. 1.

Unamuno, Miguel de. **Obras Completas**. Tomo iv. ensayo ii: la vida de don quijote y sancho / mi religion y otros ensayos breves / soliloquios y conversaciones / contra esto y aquello / el porvenir de españa / españa y los españoles i Madrid: Afrodísio Aguado, 1958. V. 8.

Unamuno, Miguel de. **Obras completas**. tomo iv. ensayo ii: la vida de don quijote y sancho / mi religion y otros ensayos breves / soliloquios y conversaciones / contra esto y aquello / el porvenir de españa / españa y los españoles i Madrid: Afrodiseo Aguado, 1958. V. 9

Unamuno, Miguel de. **Obras completas**. tomo iv. ensayo ii: la vida de don quijote y sancho / mi religion y otros ensayos breves / soliloquios y conversaciones / contra esto y aquello / el porvenir de españa / españa y los españoles i Madrid: Afrodiseo Aguado, 1952. V. 5.

UNAMUNO, Miguel de. **Vida de Don Quijote y Sancho**. Madrid: Alianza Editorial, S.A., 1987. (1ª ed. Madrid: Fernando Fe, 1905).

Vida de Don Quijote y Sancho. Introducción de Ricardo Gullón. Madrid: Alianza Editorial, 2005. Acessado Em: 03/08/2016.

WOODS, Thomas. **Como a Igreja Católica Construiu a Civilização Ocidental**. São Paulo: Quadrante, 2008. P. 119. Acesso e

m 01/12/2016.